



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

PAULA BEATRIZ FERREIRA GOMES DO NASCIMENTO

**A GÊNESE DE POLICARPO QUARESMA A PARTIR DA MEMÓRIA DA
LITERATURA**

**Brasília,
2022**



Paula Beatriz Ferreira Gomes do Nascimento

**A GÊNESE DE POLICARPO QUARESMA A PARTIR DA MEMÓRIA DA
LITERATURA**

Trabalho apresentado como um dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura e Bacharelado em Língua Portuguesa e sua respectiva literatura pelo Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

Orientador (a): Prof. Dra. Fabícia Wallace Rodrigues.

**Brasília,
2022**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que de alguma maneira estiveram presentes em minha vida durante esse período tão difícil que é a Graduação. Estar em um ambiente que tanto nos exige não é fácil, mas contar com o apoio de grandes amigos e professores fez com que mesmo as piores dificuldades não fossem capazes de me fazer desistir.

Dedico e agradeço principalmente à minha esposa, que em todos os momentos esteve ao meu lado, me apoiando e confiando em meu potencial, ainda que nem eu mesma confiasse.

Dedico também à professora Fabrícia Wallace, que me deu todo o apoio necessário para chegar onde cheguei, não somente durante a confecção deste trabalho, mas, sim, durante toda a graduação, em diversos momentos.

Dedico aos meus pais para quem, em muitos momentos, não fui o melhor, mas que sempre estiveram ao meu lado, me incentivando a ser a melhor pessoa que pude. Graças a vocês, a educação esteve sempre presente em minha vida, me fazendo ser quem hoje sou.

Dedico a Deus.

A todos, espero ter sido motivo de orgulho!

*Mas imperfeito é tudo, nem há poente tão
belo que o não pudesse ser mais, ou brisa
leve que nos dê sono que não pudesse
dar-nos um sono mais calmo ainda...*

Fernando Pessoa

Lista de Figuras

Figura 1 – Retrato de Lima Barreto	12
--	----

A GÊNESE DE POLICARPO QUARESMA A PARTIR DA MEMÓRIA DA LITERATURA

Paula Nascimento

Resumo: O presente trabalho visa abordar o contexto de criação e desenvolvimento do personagem principal da obra *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto, de modo a identificar sua relação com os conceitos de memória apresentados por diversos pensadores que abordaram o tema em seus escritos. Busca-se, aqui, apresentar a memória como sendo responsável pela personificação e caracterização dos personagens dentro do texto literário em questão, especialmente de seu protagonista. Além de mostrá-la como sendo mecanismo criador da trama em si. Para isso, partindo de uma tríade de conceitos fundamentais, busca-se delimitar e entender a importância da memória para a literatura como um todo e para o texto analisado. Além disso, têm-se como objetivo apresentar parte da fortuna crítica do autor da obra em questão, com o objetivo de analisar a influência da crítica literária na vida e obra de Lima Barreto.

Palavras-chave: Memória, Lima Barreto, Literatura, Policarpo Quaresma...

POLICARPO QUARESMA'S GENESIS FROM THE MEMORY OF LITERATURE

Paula Nascimento

Abstract: The present work aims to approach the context of creation and development of the main character in the work *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* by Lima Barreto, in order to identify his relation with the concepts of memory presented by several thinkers who approached the theme in their writings. The purpose here is to present memory as being responsible for the personification and characterization of the characters within the literary text in question, especially of its protagonist. Besides showing it as a creative mechanism of the plot itself. For this, starting from a triad of fundamental concepts, we seek to delimit and understand the importance of memory for literature as a whole and for the analyzed text. Besides this, the aim is to present part of the critical fortune of the author of the work in question, with the objective of analyzing the influence of literary criticism on Lima Barreto's life and work.

Key-words: Memory, Lima Barreto, Literature, Policarpo Quaresma...

Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	8
I- TRÍADE DE CONCEITOS FUNDAMENTAIS	13
1. MEMÓRIA-HÁBITO	13
2. MEMÓRIA DO AUTOR	18
3. MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA.....	26
II. CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Foi o seu isolamento, o seu esquecimento de si mesmo; e assim é que ia para a cova, sem deixar traço seu, sem um filho, sem um amor, sem um beijo mais quente, sem nenhum mesmo, e sem sequer uma asneira!

Nada deixava que firmasse sua passagem [...] (BARRETO, 2008, p. 245)

A partir da análise do excerto acima destacado, percebe-se a importância da memória e da lembrança para Policarpo Quaresma, uma vez que, morrendo, seu maior medo era partir sem deixar história, ou seja, sem marcar a memória dos que ficavam. Tomando tal fato como pontapé inicial, visa-se estabelecer a ligação entre os processos mnemônicos e a construção e personificação do personagem principal da obra de Lima Barreto em análise. Tal relação é estabelecida tendo como parâmetro uma tríade de conceitos fundamentais, que são: a memória-hábito; a memória do autor; e a memória coletiva e história, os quais foram insculpidos tendo como base as ideias apresentadas principalmente por Paul Ricoeur em sua obra *A memória, a história, o esquecimento*.

Analisando o texto literário é possível perceber a importância de tais processos tanto para a criação e desenvolvimento dos personagens quanto para o desenvolvimento da narrativa em si. O que fica comprovado quando percebemos, por exemplo, a importância dos hábitos de Policarpo Quaresma para a sua compreensão do mundo e para o entendimento de si enquanto indivíduo.

Para essa análise da obra, buscou-se o estudo de teorias de cunho mais filosófico. A partir, por exemplo, da leitura da obra *A memória, a história, o esquecimento*, de Paul Ricoeur (2007), entende-se que a memória é a única fonte de recordação daquilo que já aconteceu, a única forma de fazer com que o ausente existente no passado se torne presente novamente. No entanto, existe uma diversidade enorme de coisas que podem ser lembradas e variadas formas como o processo de rememoração pode ocorrer. Em todos os casos de recordação, contudo, a lembrança torna-se a forma objetual da memória, a materialização e decodificação de ideias.

Falando na fenomenologia da memória, o autor faz a divisão entre polos opostos e complementares para melhor entendimento do leitor. Sobre a divisão entre hábito e memória, o autor estabelece como sendo hábito aquilo que se repete, como a prática de aprender a ler na escola; e memória sendo aquela que possibilita lembrar-se de acontecimentos com data e espaço definidos, como lembrar-se de um texto específico que foi lido em determinado dia.

A segunda divisão é feita entre evocação e busca. Tanto evocação quanto busca fazem parte dos processos cognitivos que podem ser estudados pelas neurociências, sendo a recordação a cabeça desses processos, desde a reprodução até a criação de imagens. Diz-se evocação aquelas lembranças que surgem repentinamente, já a busca é um mecanismo usado quando se tem a necessidade de “vasculhar” a memória, ou seja, um ato que exige esforço. Para que essa ferramenta seja utilizada, a tarefa de não esquecer se faz necessária e, para isso, a cognição usa de lembretes, os quais fazem parte de um esquema que, sendo decodificado, gerará a imagem da recordação. Esses lembretes são como fotos, textos, narrativas orais, lugares etc, que fazem parte da memória corporal e da memória de lugares, por exemplo.

A terceira etapa da divisão feita pelo autor consiste em observar os processos de reflexividade e mundanidade que são influenciados principalmente pela memória coletiva. Tais processos criam, também, *reminders* que visam facilitar os processos de rememoração, ligados à interioridade, ou seja, os reflexos do acontecimento dentro do indivíduo, e à exterioridade, os elementos exteriores que influenciam a criação das imagens da lembrança. Aqui, data e local, por exemplo, passam a ser fatores importantes e funcionam como auxiliares no esquema de recordação, que conta também com a ajuda de vários outros “tipos de memórias”. É a partir desses mecanismos que são gerados sentimentos como o de patriotismo, por exemplo, motivado pela história de um povo (mundanidade), a qual gera um forte sentimento interior ao indivíduo (reflexividade).

Tomando como base esse breve introito, visa-se determinar e discorrer sobre os pontos de encontro entre a narrativa de Lima Barreto e os conceitos relacionados à memória trazidos não somente por Ricoeur como também por outros pensadores como Henri Bergson, por exemplo.

Para a análise crítica de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, foram utilizados como base e fundamentação três tópicos centrais, sendo eles: Memória-Hábito, Memória do Autor e Memória coletiva e história. Com o objetivo de analisar o conteúdo da obra, bem como os conteúdos exteriores que com ela conversam, a partir de 3 óticas diferentes que buscam caminhar para um fim comum: a comprovação teórica de que Policarpo, tanto enquanto personagem quanto enquanto livro, é criado em vários sentidos, que aqui serão explorados, utilizando a memória como ferramenta de construção.

A memória se faz importante desde a vida pessoal de Lima Barreto. De acordo com Júnior e Freire (2018), a memória se faz presente até mesmo no nome de Lima Barreto. O nome Afonso Henriques de Lima Barreto foi dado por seu pai com o objetivo de fazer memória e homenagear o senador Afonso Celso de Assis Figueiredo, o Visconde de Ouro Preto, que, posteriormente, viria a ser padrinho de Barreto. Além disso, de acordo com Júnior e Freire (2018), “A combinação Afonso Henriques relembra a memória do primeiro Rei de Portugal, embora não fosse esta a intenção.” Essas coincidências mostram a presença da importância da memória na vida de Lima Barreto antes mesmo que o autor tivesse consciência disso.

Depois disso, em 1909, Barreto estreia sua vida pública como escritor, por meio da publicação de seu primeiro romance: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Já no título da obra é possível perceber a importância da memorização no desenvolvimento da obra, uma vez que é a partir das recordações – memórias- que o enredo se desenrola. Além disso, a obra traz um caráter extremamente autobiográfico uma vez que conta a história de um personagem de “cor azeitonada” que sai do subúrbio com o objetivo de transformar sua vida por meio da escrita, como jornalista, parafraseando escancaradamente a vida do próprio Lima Barreto (JÚNIOR, FREIRE, 2018).

Apesar disso, o desejo de rememorar os acontecimentos históricos nas obras de Barreto é banhado de um caráter social, voltado para a militância e para a crítica. Por conta disso, em momentos onde a aristocracia brasileira imperava, Barreto, em vida, foi quase que apagado pelos críticos literários da época. Isso se dá em parte pelo fato de que as críticas feitas por Lima afetavam diretamente os costumes desses grandes influentes da sociedade brasileira.

Além disso, a aristocracia era considerada a dona da literatura brasileira, sendo que esta seria produzida e consumida apenas por aqueles dignos desse contato. Nesse sentido, de acordo com Júnior (2017, p. 212) “Os donos da literatura e do poder na sociedade brasileira do começo do século XX não teriam permitido a entrada de um “marginal”, socialmente inferior, ao mundo honorável das letras”. Ou seja, a desigualdade social, tão criticada por Lima, foi capaz até mesmo de tentar silenciar sua militância literária, de maneira a tentar apagá-lo da memória da Literatura do País. Ainda de acordo com Júnior (2017), “Lima Barreto nutria a ideia de que a literatura tinha uma missão, e uma missão das mais elevadas: a de soldar as almas humanas, operando para um sentido crescente de incremento da solidariedade e mútua compreensão” e é por isso que o autor perseguia as desigualdades e as mazelas da história e do cotidiano brasileiro. No entanto, enquanto Barreto perseguia a República, os republicanos o perseguiram, tentando silenciar suas manifestações literárias.

Apesar disso, as tentativas de silenciar Barreto, de acordo com Schwarcz (2011), em 1914, Lima não era desconhecido da sociedade brasileira, pelo contrário “começava a aparecer de maneira mais frequente nos jornais cariocas, já havia publicado um livro escandaloso, editado folhetins em periódicos, feito suas experiências como proprietário da *Floreal* e atuava na cena pública carioca como uma espécie de *enfant terrible*”.

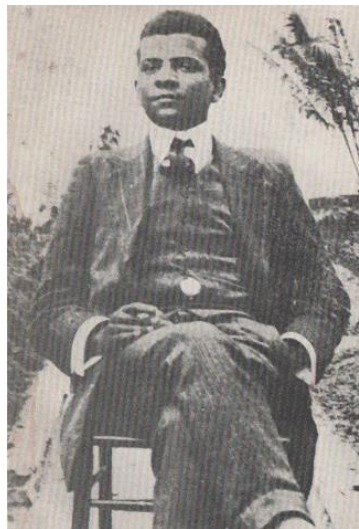
Ainda hoje, o mundo literário guarda consigo, mesmo que de forma velada, os costumes aristocráticos que afastaram Barreto dos holofotes. Analisando a fortuna crítica do autor, pude perceber que, mesmo sendo uma figura importantíssima para a literatura brasileira, Lima Barreto é injustiçado pelas críticas atuais. À sua época, Barreto foi desmoralizado por ter sido internado em um sanatório, de maneira que aqueles que não apreciavam sua obra tinham motivos para desacreditar de seus escritos, afinal, era entendido que não se poderia dar relevância para algo que um homem negro, que havia estado em sanatórios e, portanto, não gozava de sanidade mental, porventura viesse a escrever.

Atualmente, nos pouco estudos que levam em consideração a figura de Lima Barreto, percebo que a maioria dos estudiosos tendem a veicular imagens da época em que Barreto estava internado no hospital psiquiátrico. A veiculação dessas imagens não é por acaso, ela decorre de um ato intencional da crítica passada de

transpassar essa imagem perturbada de Barreto, onde ele aparenta ser um homem rude, com vestimentas rudes e um olhar triste que quase pede socorro a quem o vê, com o objetivo de animalizar as feições do autor. Hoje, os críticos que estudam Barreto, podem até não ter a intenção de transpassar essa mesma imagem, mas quando veiculam tais imagens, continuam perpetuando a mesma intenção da crítica aristocrática e contribuindo para o silenciamento do autor.

É por isso que, neste trabalho, decidi por trazer uma imagem que mostre o real Lima Barreto, um homem que, como todo homem, teve seus momentos bons e seus momentos não tão bons. Para além disso, tive como objetivo mostrar Lima Barreto enquanto ser humano, como todos aqueles que o criticaram, digno de ser escutado e acreditado. É por isso que, na imagem escolhida, Lima Barreto se apresenta sóbrio, bem vestido e até mesmo com um leve sorriso no rosto. Essa, então, é a imagem que deve ser veiculada de Lima Barreto: um escritor, consciente, que marcou de forma incisiva a literatura brasileira, mas que, para além disso, era um ser humano e, portanto, deveria ser ouvido.

Figura 1 – Retrato de Lima Barreto



Fonte: <https://www.todoestudo.com.br/literatura/lima-barreto>

Dessa forma então, com o objetivo de homenagear Lima Barreto e sua obra, fixa-se o objetivo de - contribuindo e acrescentando à pesquisa formulada pela Professora Doutora Fabrícia Wallace Rodrigues, cujo título é: “O risco da escrita: Memória e Literatura” (2014) - compreender a relação entre memória e literatura para,

aprofundando-se, determinar, em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*¹, onde podem ser ilustrados exemplos dos três eixos norteadores delimitados por Wallace(2014), quais sejam: Memória da Literatura, Memória na Literatura e Memória de Literatura. E, dessa forma, comprovar a hipótese teórica de que Policarpo Quaresma é um personagem, de fato, criado a partir da memória, tendo como fundamentação uma tríade de conceitos básicos: Memória hábito; memória do autor; e memória coletiva e história.

I- TRÍADE DE CONCEITOS FUNDAMENTAIS

1. MEMÓRIA-HÁBITO

Como de hábito, Policarpo Quaresma, mais conhecido por Major Quaresma, bateu em casa às quatro e quinze da tarde. Havia mais de vinte anos que isso acontecia. Saindo do Arsenal de Guerra, onde era subsecretário, bongava pelas confeitarias algumas frutas, comprava um queijo, às vezes, e sempre o pão da padaria francesa.

Não gastava nesses passos nem mesmo uma hora, de forma que, às três e quarenta, por aí assim, tomava o bonde, sem erro de um minuto, ia pisar a soleira da porta de sua casa, numa rua afastada de São Januário, bem exatamente às quatro e quinze, como se fosse a aparição de um astro, um eclipse, enfim um fenômeno matematicamente determinado, previsto e predito.

A vizinhança já lhe conhecia os hábitos e tanto que, na casa do Capitão Cláudio, onde era costume jantar-se aí pelas quatro e meia, logo que o viam passar, a dona gritava à criada: 'Alice, olha que são horas; o Major Quaresma já passou.'

E era assim todos os dias, há quase trinta anos [...] (BARRETO, 2008, p. 9)

Analisando o trecho acima citado pode-se depreender a importância dos hábitos para Policarpo Quaresma. Os hábitos, tão relatados durante todo o decorrer da narrativa, são, para Lima Barreto, a forma mais contundente e incisiva de dar caracterização e personalidade ao seu personagem. É a partir de seus costumes que Policarpo vai sendo desenhado de modo que passa a ser, então, uma figura formada a partir de hábitos. Tal afirmativa fica clara quando se lê, por exemplo, o seguinte excerto:

¹ A obra aqui estudada, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, a partir de agora, será mencionada, no decorrer do trabalho, apenas como *Triste Fim*, devido a grande extensão de seu nome completo.

Vestia-se sempre de fraque, preto, azul, ou de cinza, de pano listrado, mas sempre de fraque, e era raro que não se cobrisse com uma cartola de abas curtas e muito alta, feita segundo um figurino antigo de que ele sabia com precisão a época. (BARRETO, 2008, p. 11)

É possível entender, a partir das cenas em questão, que Policarpo é descrito como sendo um homem pontual, discreto, imponente – uma vez que é dito ser um astro, um eclipse, vaidoso com suas vestes e conhecedor da história. Toda essa caracterização parte da descrição de sua rotina costumeira, ou seja, de seus hábitos. Os hábitos dão vida ao personagem e é a partir disso que são gerados os momentos de ação e se dá o desenvolvimento da narrativa.

A caracterização gerada a partir dos hábitos é usada como ferramenta de personificação na narrativa, não somente na formação do personagem principal, mas também na ilustração de outros personagens, como quando descreve Ismênia como sendo uma mulher decidida, uma vez que tem certeza de seu casamento e está habituada a responder, de forma positiva, perguntas a respeito da data da festa.

Tal mecanismo fica ainda mais visível e óbvio quando Barreto usa-o de modo a dar vida a um ser não vivo como o que ocorre no primeiro capítulo da segunda parte do livro, intitulado “No ‘sossego’” (BARRETO, 2008, p. 89). Na cena frisada, uma sala de estar, que é descrita como sendo habituada a receber e guardar os livros de Quaresma, recebe adjetivos comumente dados a seres humanos tais como “boa”, “doce” e “simpática”, que são direcionados à sala, uma vez que esta tem o hábito de bem receber Quaresma e seus livros constantemente. Dessa forma, fica validada a hipótese anteriormente citada, qual seja: Os hábitos funcionam como ferramenta de personificação e humanização dos personagens, na obra de Barreto.

A partir disso, então chega-se ao questionamento a respeito da ligação entre hábito e memória. Para responder tal pergunta e estabelecer essa relação, foram estudadas mais profundamente teorias filosóficas que abordam o assunto, como as teorias mnemônicas de Bergson e Ricoeur.

Segundo Ricoeur, uma das atribuições da memória se faz presente no cotidiano através dos hábitos. Para atividades corriqueiras como aprender a ler e escrever ou até mesmo andar, o indivíduo usa a memória de modo a lembrar de algo que lhe foi ensinado para poder colocar em prática no presente (RICOEUR, 2007).

Assim, é a partir da memória que são desenvolvidos os hábitos, uma vez que, para colocar em prática ações “iguais” repetidas vezes, se faz necessário o uso da memória, muitas vezes a partir do processo de evocação citado por Ricoeur, dado que as ações realizadas de forma repetidas geram memórias “rasas” que não precisam de tanto esforço para serem encontradas. Ou seja, apenas desenvolve-se um hábito por que, a partir dos processos mnemônicos, é possível fazê-lo presente novamente repetidas vezes.

Para as neurociências, as atividades da memória “nada mais seriam do que alterações estruturais de sinapses, distintas para cada memória ou tipo de memórias.” (IZQUIERDO, 2014, p. 69), trazendo, portanto, um estudo de cunho unicamente fisiológico.

Contrapondo essa visão, Bergson (1999), em quem Ricoeur muito se apoia, afirma a existência de uma distinção entre dois tipos fundamentais de memória, a memória-hábito, que é aquela ligada exclusivamente ao corpo, de modo a ser uma memória de ação e a memória “espiritual” que é aquela que, efetivamente, guarda as lembranças de cunho sentimental saudosista, por exemplo. Entende-se, então, que a memória-hábito funciona como mecanismo de presentificação de algo feito no passado e a memória-psicológica como a presentificação de algo sentido no passado, responsável, assim, pela função imagética da memória. No entanto, afirma ainda haver uma espécie de solidariedade entre o cérebro e os processos psicológicos do estado de consciência, de modo que, estando o psicológico “pendurado” no cérebro (físico), não há superioridade de um dos processos, ou seja, um não anula o outro. Em síntese, Bergson faz essa divisão da seguinte forma:

Em se tratando da lembrança, o corpo conserva hábitos motores capazes de desempenhar de novo o passado; pode retomar atitudes em que o passado irá se inserir; ou ainda, pela repetição de certos fenômenos cerebrais que prolongaram antigas percepções, irá fornecer à lembrança um ponto de ligação com o atual, um meio de reconquistar na realidade presente uma influência perdida: mas em nenhum caso o cérebro armazenará lembranças ou imagens. Assim, nem na percepção, nem na memória, nem, com mais razão ainda, nas operações superiores do espírito, o corpo contribui diretamente para a representação. (BERGSON, 1999, p. 263)

Então, a memória hábito é responsável pelo repetir enquanto a memória psicológica pelo relembrar, ressentir, no sentido de sentir novamente. Com isso, torna-se possível, então, abrir os olhos, pois, com auxílio da memória-hábito, o indivíduo

consegue repetir a ação já feita anteriormente. A memória-hábito, assim, pode ser uma auxiliadora da memória espiritual, de modo que, uma vez que um indivíduo sente saudade de outro, está usufruindo dos mecanismos da memória psicológica, e então, ao ver o objeto de seu saudosismo sente vontade de abraçá-lo e assim o faz, está, aí, trabalhando com sua memória-hábito, uma vez que a ação de abraçar já foi vista ou realizada por ele e esta é colocada em prática mais uma vez.

A partir disso percebe-se, então, a função do hábito como sendo mecanismo de ação na vida humana. É por meio de tal ferramenta que a interioridade se externa de modo a interagir com o mundo, funcionando, dessa forma, como instrumento de humanização do homem, no sentido de dar-lhe vida e movimento, o que é repisado quando Bergson diz ser, a memória hábito, “vívida, ela é ‘agida’” (BERGSON, 1999, p. 88). Cabe aqui o questionamento a respeito de como seria possível uma boa relação entre os indivíduos se, por ventura, não existissem os hábitos, uma vez que a força motriz da ação não existiria.

Essa ideia de que a memória-hábito funcionaria como força motriz das ações fica ainda mais clara quando percebemos que, para Bergson (1999), a memória-hábito seria responsável por conservar o passado por meio de mecanismos motores. Ou seja, de acordo com esse pensamento, a memória-hábito é responsável por dar movimento para o corpo, utilizando dele como ferramenta para realizar as ações lembradas. Nesse sentido, o hábito seria como uma forma de fazer com que o passado se presentificasse corporalmente.

A memória-hábito registra o passado sob a forma de mecanismos motores, oferecendo sequências de movimentos organizados em resposta às demandas que se impõe ao sujeito. Uma recordação desse tipo é propriamente uma ação que reencena no presente – de maneira idêntica e automática – algo que foi repetidamente vivido⁴⁸. É desse modo, por exemplo, que adquirimos as habilidades necessárias para praticar um esporte ou dominar uma nova língua (FROÉS, 2015, p. 29).

A respeito disso, Ricoeur acrescenta ainda que é através da memória hábito que:

Encontramos as capacidades corporais e todas as modalidades do “eu posso”, que percorro em minha fenomenologia do “homem capaz”: poder falar, poder intervir no curso das coisas, poder narrar, poder

deixar atribuir-se uma ação reconhecendo ser o verdadeiro autor. (RICOEUR, 2007, p. 44-45)

Com isso, voltando-se mais uma vez para o texto literário em questão, entende-se melhor o motivo de tamanha importância dos hábitos dos personagens para a fluidez e como instrumento de ação na narrativa. Tal teoria mostra que é por isso que Policarpo necessita dos hábitos para seu desenvolvimento e estes funcionam como mão de obra na personificação do personagem, ou seja, a figura humana de Policarpo somente se faz possível uma vez que existem seus hábitos. Cria-se, então, um ciclo de dependência, onde o ser depende do hábito e o hábito depende do ser, dado que sem o “ser” não existe o “fazer” e, por isso, não existiria o hábito. Essa força cíclica é o que, então, motiva o personagem e faz com que, influenciado por seus hábitos, Policarpo tome decisões e, assim, dê prosseguimento à narrativa de sua história. Dessa forma, entende-se que Quaresma é um homem cuja vida exterior e sua relação com o mundo se dá a partir da, tão repisada, memória-hábito.

As relações sociais são um fenômeno há muito estudado por diversos ramos da ciência, segundo Hartup, “a experiência social - não somente com adultos, mas também com coetâneos - é de importância central para a ontogênese em muitas espécies” (HARTUP, 1983, p. 104). Sabe-se, portanto, que o desenvolvimento humano está fortemente atrelado às interações sociais, é a partir delas que se dá a interiorização do exterior e o indivíduo, que se relaciona com o outro, pode então criar e descobrir coisas inerentes ao seu ser, como sua personalidade. Sobre isso, Vygotsky diz: “nos tornamos nós mesmos através dos outros” (VYGOTSKY, 1999, p. 56).

Chega-se à conclusão, então, que Quaresma, assim como qualquer homem, depende da relação com o outro para seu desenvolvimento e, portanto, para a criação da sua personalidade, todavia, a relação indivíduo-indivíduo se dá a partir de ações e essas, por sua vez, se dão a partir da presentificação de ações realizadas anteriormente que obtiveram sucesso, ou seja, a partir da memória-hábito. Dessa forma, tem-se, mais uma vez, a assertiva de que a gênese de Policarpo se dá também através da memória-hábito.

Tal presentificação de acontecimentos reais e cotidianos da vida de um homem comum, são marcas da influência, na obra de Lima Barreto, das características ainda do movimento Realista. Segundo Tavares, “as personagens

criadas pelo realismo são indivíduos concretos, retratos fieis de seres ou pessoas que possam viver e serem perfeitamente humanos.” (TAVARES, 1984, p. 78). Claramente, percebe-se essa humanização e concretude de Policarpo Quaresma quando são retratados seus costumes que, por sua vez, são dignos de um ser humano, sem qualquer idealização.

No entanto, o autor se afasta das características realista e se volta para uma caracterização Modernista, quando coloca em sua obra, por exemplo, características como o uso de uma linguagem mais acessível, sem tantos ornamentos quanto a literatura Realista. Além disso, partindo de um homem realista nada idealizado, a obra passa por uma mudança no decorrer de seu enredo, chegando em uma idealização do herói nacional, que salvaria a pátria das atrocidades que vêm do exterior. Esse nacionalismo primitivista, visto no desenvolvimento da obra, traz mais uma característica expressivamente modernista à obra de Barreto.

Nesse sentido, percebe-se que a memória passa ser tratada na trama literária em questão como sendo parte do enredo. A memória tratada como assunto de um texto literário é vista desde os tempos mais remotos, como na obra citada por Wallace (2014), a *Odisséia*, onde a narrativa se dá a partir de grandes feitos que são marcados na memória. Outro exemplo de memória na narrativa é *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, onde o autor, por meio das memórias de seu personagem principal, vai delimitando o enredo da narrativa da vida do defunto autor.

Em *Triste Fim* pode-se ver a memória sendo narrada como parte integrante e fundadora dos personagens o que faz dela quase que elemento dentro do elenco de figuras da obra. A memória, aqui, além de seu papel narrativo, ou seja, de narrar acontecimentos passados da vida de Policarpo – vê-se pela quantidade de verbos no pretérito – tem esse papel de mãe, gerando Policarpo e o alimentando com personalidade e características.

2. MÉMORIA DO AUTOR

A leitura é, segundo Sequeira (1988), um mecanismo de processamento ativo de informações. Para o bom funcionamento de tal processo é necessário o uso de diversas ferramentas cognitivas de processamento, aí, então, se encontra a

necessidade do uso da memória. “Existe uma interação contínua entre os estímulos sensoriais e as estruturas da memória” (SEQUEIRA, 1988, p. 77). É a partir do processamento visual do que está sendo lido, que os mecanismos de armazenamento de informações são ativados, de modo que o que é visto é associado a dados já existentes para que, gerando uma teia de conteúdos armazenados, seja retardado o esquecimento de tal informação. Dessa forma, entende-se que a partir do estímulo visual da leitura, a ativação dos mecanismos de memorização faz com que o conteúdo daquilo que está sendo lido fique bem guardado, podendo ser acessado em qualquer momento posterior, desde que sejam usadas as associações.

Na obra em análise, um dos hábitos relatados de Quaresma é o hábito da leitura, tão repisado no decorrer do texto que, por ser um hábito, como já dito, é formador da personalidade do personagem. Vê-se um exemplo claro de tal paixão em:

Sentado na cadeira de balanço, bem ao centro de sua biblioteca, o major abriu um livro e pôs-se a lê-lo à espera do conviva. Era o velho Rocha Pita, o entusiástico Rocha Pita da História da América Portuguesa. Quaresma estava lendo aquele famoso período: “Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bela a aurora; o sol em nenhum outro hemisfério tem os raios mais dourados...” (BARRETO, 2008, p. 17)

Como fundamentação teórica desse hábito leitor de Policarpo, no decorrer da obra são citados, por diversas vezes, autores anteriores à data de publicação da criação de Barreto. Depreende-se de tal informação que, para citar tais intelectuais como influências de Quaresma, o autor do livro teve um estudo prévio a respeito daqueles, ou seja, também sofreu influência dessas criações. Exemplo disso é o nacionalismo descrito pelo autor como sendo tão marcante na caracterização de Policarpo, que é fortemente relatado, também, nas obras de José de Alencar, autor citado no corpo da obra literária em questão. Ou seja, vê-se aqui uma ilustração das duas possibilidades da Memória da Literatura, descritas por Wallace (2014) em seu projeto de pesquisa, primeiro no sentido de lembrar-se da literatura, visto que Barreto lembra-se de suas experiências literárias para, a partir disso, escrever; e segundo no sentido de posse, a memória que a própria Literatura tem, onde a partir do que é visto na escrita de Lima Barreto pode-se lembrar de outras peças literárias.

Além disso, o autor usa de seu conhecimento prévio e da lembrança dos acontecimentos de sua época para, assim como os chamados “Antigos modernistas” (HARDMAN, 1992) ou, de forma não tão assertiva, pré-modernistas, tecer críticas

sociais à sociedade e ao Estado. Segundo Hardman, “Numa era de barbáries tecnológicas crescentes, suas utopias emergiam como fogos-fátuos, como reminiscências de verdades, como prelúdios de alucinações reais.” (HARDMAN, 1992, p. 304). Através de sua representação do cotidiano de um homem comum, Lima Barreto faz críticas à sociedade, de modo a denunciar as atitudes abusivas do poder econômico e político, por exemplo. Cenas como a descrição de quando Policarpo, ao defender um preso que sofre abuso de poder, acaba sendo acusado de traição e sofre sua punição mais severa, mostram nitidamente a intenção do autor de explanar as características mais cruéis do Estado brasileiro.

Para proporcionar a conversa entre sua obra e outros textos, tanto anteriores a ele quanto contemporâneos, o autor, Lima Barreto, precisou colocar em prática um dos exercícios propostos por Ricoeur (2007), o exercício de busca, onde, tomando posse de suas habilidades cognitivas, Barreto “vasculha” sua memória, buscando elementos possivelmente colaboradores para sua obra.

O que vemos, então, na obra de Barreto, é a retomada e a releitura de outras obras. Segundo Mikhail Bakhtin, o “discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (BAKHTIN, 2006, p. 147). Ou seja, o diálogo entre textos faz com que se tenha uma literatura que, utilizando da memória de outras literaturas, se crie, fazendo com que haja, na literatura, um discurso sobre a literatura, dessa forma, podendo ressignificar a mensagem anteriormente dada.

Aprofundando-se mais ainda, o linguista acredita que “As relações dialógicas (...) são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância.” (BAKHTIN, 2013, p. 47). Portanto, segundo seu pensamento, a criação e o desenvolvimento de todos os enunciados gerados pela capacidade de comunicação do ser humano são, na verdade, retomadas de outros enunciados, por meio, portanto, da memória. Nesse sentido, podemos chegar à ideia de que Lima Barreto, na escrita de *Triste Fim*, se utiliza dos processos de rememoração, para, por meio de sua escrita, reescrever o que já foi escrito. Ou seja, em seu texto, o autor traz à memória outros textos, de modo que faz memória da literatura, enquanto apresenta a memória da literatura.

Segundo Amorim e Rosetti-Ferreira, o dialogismo, ou seja, o uso da intertextualidade, deve ser abordado como um processo psicológico. De acordo com as autoras, ao tomar isso como verdade, assume-se a importância de entender o dialogismo como sendo influenciador do desenvolvimento social, cultural e histórico do indivíduo (AMORIM; ROSETTI-FERREIRA, 2008). Partindo de tal pressuposto, pode-se entender que o uso da intertextualidade na narrativa de Lima Barreto é também uma forma de fazer com que seu personagem se desenvolva enquanto indivíduo, trazendo, mais uma vez, a ideia de que o desenvolvimento de Policarpo Quaresma parte de uma informação anterior a ele, ou seja, da memória, nesse caso, da memória da literatura.

Exemplo dessa intertextualidade motivadora são alguns momentos da obra literária quando o autor, valendo-se de seu conhecimento prévio, utiliza de nomes famosos de literaturas passadas para dar nome a um de seus personagens, Ismênia, ou para citá-los de modo a chamar a atenção do leitor. Vide trecho a seguir:

[...] e dentre tudo aquilo surgia uma linda mulher, um regaço cheio de frutos e um dos ombros nu, a lhe sorrir agradecida, com um imaterial sorriso demorado de deusa – era Pomona, a deusa dos vergéis e dos jardins!... (BARRETO, 2008, p. 94)

Segundo O livro de ouro da mitologia, de Thomas Bulfinch (2006), Pomona era, na mitologia romana, uma deusa que cuidava das árvores frutíferas dos jardins. Já Ismênia é a irmã de Antígona, personagem tão marcante da obra de Sófocles, um dos grandes dramaturgos gregos conhecidos. Tal interação entre o texto em análise e os textos citados anteriores a ele, ilustra, de forma concreta, a influência que a memória da literatura tem na escrita de Barreto.

Outra marca da presença do dialogismo entre *Triste fim* e outros textos anteriores a ele é a comunicação presente entre o texto e a obra prima de Cervantes, *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha*. Segundo Vieira, “Dom Quixote passa da lucidez à loucura, assim como da discrição à vulgaridade.”(VIEIRA, 2005, p. 284). Tais passagens podem ser vistas também na obra de Lima Barreto, onde um homem, Policarpo, visto como tão íntegro, tão normal, passa a ser motivo de chacota entre os demais e, ainda, é visto como louco por seus companheiros de trabalho e até mesmo por aqueles que são considerados sua família. É nesse sentido, portanto, que,

de acordo com Bosi (2006), Policarpo Quaresma pode ser considerado o Dom Quixote brasileiro.

Além disso, outro ponto de encontro entre esses dois “loucos” é o fato de que ambos são “amantes (..) dos livros” (VIEIRA, 2005, p. 289), como diz Vieira ao falar sobre Quixote e outro cavaleiro com quem o compara. Esse amor pela leitura, foi visto dentro dos dois livros como o motivo causador da loucura de seus personagens principais, vê-se, por exemplo, nos dois trechos destacados a seguir:

[...] do pouco dormir e do muito ler, se lhe secou o cérebro, de maneira que chegou a perder o juízo. Encheu-se-lhe a fantasia de tudo que achava nos livros [...] (CERVANTES, 2002, p. 32)

Aquele Quaresma podia estar bem, mas foi meter-se com livros... É isto! Eu, há bem quarenta anos, que não pego em livro [...] (BARRETO, 2008, p. 115)

Em ambos os casos, os personagens sofrem com a incompreensão por parte dos que os rodeiam, e, visto que a leitura nem sempre foi tida na história como sendo algo bom, toma-se o “ler” como responsável pelo distanciamento entre tais personagens e os demais, dado o fato de se debruçarem constantemente sobre seus livros e os tomarem como guias de suas vidas. Essa semelhança é vista inclusive na reação de outros personagens quando, ao lidarem com a loucura de Quaresma e Quixote, que acreditam que o afastamento dos livros seria o melhor remédio para a “cura” dessas loucuras. Nesse sentido, Lima faz uma memória da loucura, buscando rememorar os escritos de Cervantes (CRUZ, 2009).

Ademais, segundo Mastroberti, “Alonso de Quijano sai pelo mundo, convertido em Dom Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura, em busca de aventuras que concretizem a sua fantasia de se tornar um grande herói.” (MASTROBERTI, 2005, p. 4). De acordo com a autora, Alonso Quijano passa por um processo de transformação e criação de um herói que seria responsável pela segurança de sua pátria, uma vez que é o responsável por lidar com seres monstruosamente fantásticos e inimagináveis aos olhos de alguém em sã consciência. Tal criação e desenvolvimento se dá a partir de diversas narrativas fabulosas e cheias de detalhes meticulosos, ou seja, o desenvolvimento do herói se dá a partir de memórias da literatura – nesse caso, memória que se tem da literatura - que, por ele, são presentificadas em forma de ação.

Esse mesmo processo de criação de um herói nacional se dá, também, no texto literário de Barreto, onde, Policarpo, trazendo à lume personagens e conceitos das literaturas apreciadas por ele, se vê na responsabilidade de ser o salvador da pátria e do povo brasileiro, lutando contra monstruosidades que, como em Quixote, apenas são vistas pelos seus olhos. No entanto, nos dois textos literários, os heróis, tão esforçados, ao final, acabam sendo dados como loucos e morrem sem concretizar seus objetivos, tendo apenas um medo em comum: as marcas que deixariam na memória daqueles que ficam. Quixote, o medo de ficar marcado como louco e Quaresma, o medo de não marcar.

A figura de um herói não tão perfeito é apresentada desde a Literatura Clássica. Na Grécia, por exemplo, Aquiles é descrito como um grande guerreiro e herói que participou, dentre outros grandes feitos, da Guerra de Tróia, tendo como único defeito seu calcanhar, visto que, ao nascer, foi banhado por sua mãe nas águas do rio Estige, tendo ficado apenas o calcanhar do lado de fora, esse seria, então, seu ponto fraco e o que causaria a não concretização de seu potencial heroico. Comparando ao presente caso, Policarpo e Quixote seriam, assim como Aquiles, heróis em potencial tendo seu “calcanhar”, ou seja, seu ponto fraco como sendo a loucura.

Além disso, percebe-se em ambas as obras o processo conhecido como “outrar-se”, que diz respeito à habilidade dos dois protagonistas de afastarem-se de si e assumirem outras personificações de acordo com as mudanças decorrentes da narrativa. Ou seja, Quixote e Quaresma, irmãos na loucura, são capazes de assumirem outras personalidades e criarem outras histórias de acordo com seus desejos e valores. Isso se dá uma vez que, de acordo com Porto ([s.d]),

Fenómeno de fazer-se outro, de adotar várias personalidades, dando-lhes vida e independência. Outrar-se pode ser, também, definido, como deixar-se contagiar por algo de sentido novo e diferente (por exposição a culturas, climas, linguagens, pensamentos...), deixando-se transformar num ser novo, distinto, que veste uma nova personalidade ou forma de estar no mundo (PORTO, [s.d]).

Tal habilidade de Quaresma fica ainda mais clara quando levada em consideração a parte da narrativa em que Policarpo transforma sua trajetória de maneira a deixar de lado alguns objetivos e criar foco maior em outro. De maneira a ilustrar esse processo entende-se a parte da história em que Policarpo, deixando de

lado sua loucura pela língua falada no Brasil, traz para seu foco a fauna e a flora do país, distante das cidades e das pessoas de seu ciclo. Ou seja, Policarpo se afasta de seu enredo para criar um novo enredo e mudar os rumos de seus objetivos e, conseqüentemente, de sua história.

A loucura presente na vida de Quaresma, posteriormente, veio a se presentificar também na vida do próprio Lima Barreto, de maneira que, enquanto a ficção copiava a realidade, nesse caso, a realidade imitou a ficção. Por conta dos seus excessos na bebida, em 1914, Lima Barreto é mandado compulsoriamente para o hospício, por seu irmão. Consciente da semelhança entre vida e ficção, em 1915, Lima Barreto publica a primeira versão em formato de livro de *Triste Fim*, onde inclui o conto “Como o homem chegou” onde conta sua ida dramática para o manicômio (SCHWARCZ, 2011), e mostra, mais uma vez, sua vontade de fazer memória, fictícia ou não, dos acontecimentos de sua vida.

Com base em todos os pontos destacados, percebe-se, então, que a obra feita por Lima Barreto é uma literatura baseada na memória que a literatura tem e na memória que se tem da literatura. Desse modo, corroborando com o pressuposto de que teria sido Policarpo Quaresma, tanto enquanto personagem como enquanto livro, criado a partir do uso de mecanismos específicos da memória do autor, rememorando a memória da literatura.

De acordo com Tavares (1984), os primeiros anos do século XX, na literatura brasileira, foram marcados por traços de diversas tendências literárias, sem deixar, no entanto, que nenhuma prevalecesse, sendo, portanto, uma fase um tanto quanto incharacterística. Apesar disso, ainda segundo Tavares, alguns autores já faziam o que poderia ser considerada uma literatura prenunciadora do advento do modernismo, grupo no qual Lima Barreto estaria presente (TAVARES, 1984).

Tal aglomeração de influências fica perceptível quando é levada em consideração a quantidade de obras anteriores e de autores passados que exerceram interferência na obra de Barreto. No entanto, características modernas, portanto posteriores à *Triste Fim*, também são perceptíveis, sendo estas as mais marcantes na obra de Barreto: a inspiração “nos motivos primitivos da terra e gente brasileira...” (TAVARES, 1984, p. 101) e a reivindicação da “‘nacionalização’ da literatura segundo os movimentos brasileiros,...” (TAVARES, 1984, p. 101), características as quais são muito vistas em todo o decorrer da narrativa.

O processo de busca usado por Lima Barreto para a criação de sua obra, *Triste fim*, é, a princípio, um processo mnemônico de busca interior, o que mostra, por fim, o uso primordial da memória na produção literária do autor. Segundo Ricoeur (2003), o processo de rememoração pode ocorrer através de uma busca por informações que não estão tão próximas das lembranças prontas, mas que ainda não foram descartadas, em suas palavras: “...busca para reencontrar as memórias perdidas, que, embora tornadas indisponíveis, não estão realmente desaparecidas.” (RICOEUR, 2003)².

Dessa forma, entende-se, então, que as informações guardadas por Barreto, por mais que não estivessem tão vivas, ainda puderam, por meio do processo de busca, ser acessadas e trazer as influências tão claramente percebidas no decorrer da obra e, principalmente, no caso, no processo de criação do personagem principal. É nesse sentido que, de acordo com Gralha (2015) a literatura de Barreto acaba consistindo em uma literatura quase que autobiográfica, utilizando em grande parte das narrativas suas próprias memórias e histórias, em suas palavras:

vemos também o caráter biográfico quase sempre presente. De fato, uma análise por toda a sua obra literária e o olhar concomitante para a sua vida demonstram o quanto de autobiográfico tem a sua literatura. O quanto os fatos, as pessoas que com ele cruzaram, os episódios vivenciados, as marcas deixadas, as dificuldades experimentadas, tudo foi quase que „transposto para sua obra. Seus personagens foram inspirados nas pessoas com quem conviveu, quando não, nele mesmo, chegando até a recriar cenas e diálogos inteiros, copiando fatos vividos (GRALHA, 2015, p. 79)

É por isso que, veementemente, Gralha (2015), concordando com Schwarcz (2017), afirma que, personagem principal de *Triste Fim*, Policarpo é claramente uma cópia de João Henriques, pai de Lima Barreto, utilizando até mesmo uma descrição física parecida com a de seu pai e banhando o personagem nas mesmas preocupações que assolavam João Henriques, quais sejam: preocupações relacionadas à terra, ao país e, especificamente à política. É nesse sentido que, de acordo com Santos (2010), Lima utiliza de sua habilidade literária para recriar suas histórias e memórias, com o objetivo de, memorizando seu passado, recriá-lo.

² Fala de Paul Ricoeur em conferência em 8 de março de 2003 em Budapeste sob o título “Memory, history, oblivion” dentro de uma conferência internacional cujo título foi “Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism?”. Disponível em: http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia.

É nesse viés que Gruner (2006) afirma sobre a importância da análise crítica dos diários de Lima Barreto quando se tem o objetivo de analisar suas obras, uma vez que tanto em seus diários quanto em suas obras, Barreto se escreve, utilizando-se de diferentes ferramentas, mas com o mesmo fim.

Isso se dá uma vez que, de acordo com Ricoeur (2003), a literatura é feita de memórias, que não necessariamente são transcritas como realmente existiram um dia. Ou seja, mesmo que não sejam citadas diretamente e incisivamente, o autor da obra faz memória de outros momentos históricos e de outras obras literárias influentes, por meio de caracterizações, enredos e narrativas dialógicas, ou seja, que criam um diálogo constante umas com as outras, de maneira a funcionarem não como réplicas, mas sim como lembranças.

Esse fato concorda, então, com a argumentação de que Policarpo Quaresma e sua história se tornam elementos criados a partir da memória que o autor tem, de si mesmo e da literatura, uma vez que são desenvolvidos por meio dessas lembranças em forma de enredo, corroborando com a ideia de que o ser humano – representado aqui por Policarpo Quaresma – é feito de narrativas, para, por meio delas, continuar a criá-las e recriá-las (RICOEUR, 2003).

3. MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. (POLLAK, 1992, p. 204)

Seguindo o pensamento de Pollak (1992), pode-se entender que a sociedade tem um papel decisivamente formador da identidade do indivíduo. Dessa forma, tem-se que o meio social é, de fato, a força que impulsiona o desenvolvimento da personalidade do ser. A necessidade social inerentemente humana faz com que o homem, desde sua pequenez, procure meios para se encaixar e fazer parte de um grupo social. Essa busca pela sensação de pertença molda gostos, ideias e ações. Partindo-se do pressuposto de que, como já pontuado, a ação é a força motriz da vida

humana, entende-se, então, que a interação social é o que, influenciando as ações, norteia e traz a lume a vida, no sentido de fazer com que o homem, interagindo com seu exterior, se sinta parte viva do ecossistema que o cerca.

Ainda segundo Pollak (1992), citando Halbwachs, além do papel personificador do convívio social, este é responsável também pela construção da memória individual e do grupo, uma vez que:

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p. 201).

Concomitante, de acordo com Santos (2013), citando Ricoeur, não se deve entender a memória individual sem que seja levada em conta a memória coletiva, uma vez que em uma pode-se facilmente encontrar os vestígios da outra. Dessa forma, entende-se o que Ricoeur quis dizer com “... esse ato de recordação é cada vez mais nosso...” (RICOEUR, in: SANTOS, 2013, p. 4). O pronome colocado pelo autor na 3ª pessoa do plural traz em si a ideia de que a memória e a lembrança, que é sua forma objetual, são processos realizados e instituídos majoritariamente em grupo.

A partir disso, é possível entender, juntamente à explanação de Pollak, que a necessidade do sentimento de pertença inerente ao homem pode, e majoritariamente o faz, dar respaldo para que o indivíduo, imbuído de sua imaginação, crie memórias que, de fato, não o pertencem, visto que, por estarem muito próximos, os processos cognitivos da memória e da imaginação podem, facilmente, se confundir, gerando memórias não vividas realmente (RICOEUR, 2007). Ou seja, a partir da pertença a um grupo social e, dado que o grupo teve alguma experiência memorável, o indivíduo, a fim de afirmar sua pertença, toma como sendo suas tais memórias e torna-as capazes de nortear seus pensamentos, ações e decisões, por exemplo. Dessa forma, podem ser criados, então, costumes e tradições que tenham força para influenciar, de forma concisa, ações em massa.

Esse processo de “empréstimo” de memórias é explicado por Halbwachs quando ele diz que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 1990, p. 51). Ou seja, é a partir de um contato primeiro com a memória coletiva de um grupo, que o indivíduo concretiza sua pertença a ele e,

dessa forma, toma como suas e/ou como elemento de complementariedade às suas, as memórias dos outros.

A importância dos hábitos tradicionais de um grupo é mostrada veementemente na obra de Lima Barreto, quando, por exemplo, Quaresma afirma que “Convém que nós não deixemos morrer nossas tradições...” (BARRETO, 2008, p. 12). A partir do desejo de perpetuação de suas tradições, o personagem parte em uma jornada de descoberta, que visa, trazer à tona a criação de uma identidade nacional. O que se faria possível, dado que, como visto, as memórias coletivas são parte fundamental da interação social que, por sua vez, é responsável pela criação de personalidades, sejam elas individuais ou coletivas. Ou seja, a partir da intenção de fazer com que o personagem pertença ao grupo social que o cerca, o que apela para a memória coletiva, o autor dá vida à personalidade e à personificação de seus personagens e de suas histórias, principalmente, à história de Quaresma, corroborando, mais uma vez, com a afirmação de que a narrativa se daria pautada na memória.

Para a criação da personalidade de Quaresma, se faz de extrema importância os acontecimentos memoráveis da história do Brasil e do mundo, citados pelo autor, no decorrer da obra, diversas vezes. Tais acontecimentos são apresentados na intenção de dar respaldo para as decisões e ações do personagem, justificando o argumento de que a memória coletiva é elemento motivador da ação na vida humana. O que acontece, por exemplo, quando Quaresma redige um requerimento na língua indígena, vista por ele como língua originariamente brasileira, e justifica essa atitude com respaldo na história, uma vez que historicamente os primeiros donos da terra brasileira foram os nativos indígenas da região.

As crenças e costumes como instrumento de justificativa de decisões e ações são, mais uma vez, apresentados na trama quando lê-se o que acontece com Olga, afilhada de Policarpo, que ao ser questionada em relação ao motivo pelo qual se casava, não o sabe responder, tendo certeza apenas pelo fato de que os que a rodeiam têm firmado o hábito e costume coletivo de que uma mulher em sua idade deve se casar. Vê-se tal concretização em:

E tinha razão em se casar sem obedecer à sua concepção. É tão difícil ver nitidamente num homem, de vinte a trinta anos, o que ela sonhara que era bem possível tomasse a nuvem por Juno... Casava por hábito de sociedade [...] (BARRETO, 2008, 78)

Ainda tal hábito social a respeito da mulher e do casamento é visto quando Ismênia é perguntada constantemente a respeito de seu casamento e tem reafirmado, diversas vezes, esse seu dever social. A pressão da sociedade em que está inserida é tão grande que, ao ter sua expectativa frustrada, Ismênia se vê em total desespero e entende por perdido o sentido de sua vida. Sendo dada como louca, Ismênia morre por não ter se casado, ou seja, por não ter cumprido com o desejo social de sua época, que, por sua vez, é pautado na memória coletiva e social do povo que fundamenta tal desejo.

A influência do costume exterior sobre o indivíduo pode ser colocada como aquilo que Ricoeur chamou de Reflexividade que é, por sua vez, produto da Mundanidade. Ou seja, aquelas memórias vindas do contato com o mundo, as memórias coletivas, mundanidade, geram uma reação no ser, reflexividade, e essa, de modo igual, gera uma outra lembrança que é, dessa vez, individual.

Percebe-se, então, uma crítica social feita pelo autor, nesse caso, uma vez que seu personagem principal e Ismênia, personagem também importante, ao se afastarem do que é considerado comum pela sociedade contemporânea a eles, são dados como loucos. Dessa forma, o autor mostra a crueldade social sobre aqueles que se destacam. Ambos, condenados à morte, morrem por não suprirem as expectativas dos outros. Mostrando, assim, que a memória coletiva pode, por vezes, se afastar da sua motivação memorialística e ser usada como meio de justificativa para atitudes preconceituosas e segregacionistas.

Ademais, o autor critica, também, a relação entre a sociedade e a mulher, que, como diversas vezes mostrado no texto, é vista como sendo detentora de um papel secundário na sociedade, onde é destinada, quase que exclusivamente, ao casamento e à reprodução. Olga, mesmo cumprindo com esse desejo social, questiona-o, percebe a injustiça para com seu padrinho, que aqui é tido quase como um herói por ela, e o defende, tomando o lugar ativo da mulher e se tornando protagonista da história em determinado momento, usando de sua voz, ainda que, para isso, tenha que ir de encontro ao seu marido e aos costumes sociais. É por isso, entre outros pontos, que a literatura de Barreto foi chamada por Tavares (1984) de ficção de cunho social.

No entanto, a criação das memórias coletivas, sejam elas “boas ou ruins”, como visto, se dá a partir do convívio social, uma vez que “a memória é um fenômeno construído social e individualmente” (POLLAK, 1992, p. 204), ou seja, de alguma forma, as memórias se perpetuam a partir da interação entre indivíduos. A forma mais comum de interação se dá a partir da fala, uma vez que o primeiro contato entre os homens se dá, normalmente, através do contato oral. Dessa forma, então, pode-se dizer que uma das formas mais essenciais de transmissão de memórias e de tradições é a partir de narrativas orais. Dentro do texto literário em questão, é possível encontrar diversas vezes a narrativa dentro da narrativa como forma de construção textual da obra.

A narração, por parte dos personagens, de suas memórias, é responsável em parte, pela criação de uma memória coletiva forte o suficiente para nortear o decorrer de toda a trama. Essa ferramenta narrativa fica clara quando se observa a quantidade de verbos no pretérito, por exemplo, uma vez que, segundo Ricoeur, citando Aristóteles, “memória é do passado” (RICOEUR, 2007, p. 35). A presença de tais narrativas é vista em diversos momentos durante a trama principal, como por exemplo na cena a seguir:

-Polidoro tinha ordem de atacar Sauce, Flores à esquerda e “nós” caímos sobreos paraguaios. Mas os malandros estavam bem entrincheirados, tinham aproveitado o tempo...

-Foi “seu” Mitre, disse Inocêncio.

-Foi. Atacamos com fúria. Era ribombar de canhões que metia medo, bala por todo o canto, os homens morriam como moscas... Um inferno!

-Quem venceu? perguntou um dos convidados novos. Todos se entrelharam admirados, exceto o general que julgava a sabedoria do Paraguai excepcional.

-Foram os paraguaios, isto é, repeliram o nosso ataque. É por isso que eu digo que a nossa profissão é bela, mas tem as suas “cousas” ...

-Isso não quer dizer nada. Também na passagem de Humaitá... ia dizendo o almirante. (BARRETO, 2008, p. 112-113)

É a partir dessa criação de identidade coletiva que são gerados os costumes e hábitos grupais, como as crenças populares. Uma das vertentes mais conhecidas das crenças populares são aquelas ligadas à magia e acontecimentos místicos. Dentro desse viés, existe a crença de que “La outra gran rama de la magia simpatética, que hemos llamado magia contaminante o contagiosa, procede de la noción de que

las cosas que alguna vez estuviéron juntas quedan después, aun cuando se las separe...” (FRAZER, 1996, p. 63). Tal crença pode ser aplicada também à noção de memória, uma vez que o ser agente esteve, anteriormente, em contato com a ação ou acontecimento, e, agora, mesmo que separados pelo distanciamento temporal, ainda estão juntos, dado que a memória faz o passado presente na cognição do indivíduo.

Partindo-se do pressuposto da interação social, e entendendo que a memória é formada por esse convívio, pode-se entender melhor o que Pollak quis dizer com “A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa” (POLLAK, 1996, p. 204). Compreende-se que, ao afirmar isso, o pensador quis dizer que mesmo acontecimentos vividos por outros podem ser “lembrados” por um indivíduo, desde que, em algum momento, este tenha contato com o objeto da lembrança.

Assim, dentro do texto literário percebe-se essa passagem hereditária de memórias em diversos momentos, seja quando Policarpo vai atrás das tradições para uma festa específica, ou quando Ismênia herda de sua mãe, principalmente, a ideia de que deve se casar para ser uma mulher feita e completa, por exemplo.

A partir disso, pode-se perceber que é por meio da narração memorialística que se dá a construção do texto literário em questão e, conseqüentemente, a construção de seus personagens, seja através dos diálogos dentro do texto, narrando os acontecimentos, ou seja pela narração sequenciada feita pelo próprio narrador do texto, que se faz presente em todo o decorrer da desencadeamento de acontecimentos da trama. Tal narrador usa, mais uma vez, de diversos verbos conjugados no pretérito para enfatizar a característica memorialística da obra. Ou seja, pode-se ver, aqui, um exato exemplo do que Wallace (2014) chamou de “memória de literatura” em seu projeto de pesquisa principal, uma vez que é possível enxergar, no texto, seu caráter quase que biográfico que visa fazer memória da vida de seu personagem principal, Policarpo Quaresma. Além de seu caráter historiográfico, uma vez que busca, também, descrever e pontuar uma lista de costumes e hábitos da sociedade em que estão inseridos tanto os personagens quanto o autor.

Segundo Costa:

O gênero de memórias, como textos referenciais que relatam a trajetória de uma vida, são documentos que “servem”, inicialmente, à história. O que

possibilita o seu estudo no conjunto da literatura ficcional é a força da linguagem de alguns textos e sua capacidade de se imporem como discurso esteticamente elaborado. É na recriação, na transformação da rememoração em linguagem que surge a “oportunidade poética”. É enquanto produção de linguagem que o relato memorialístico ultrapassa o seu caráter histórico e se vê como ficção. (COSTA, 2017, p. 63).

Portanto, têm-se, em *Triste fim*, uma obra que, como exemplo do gênero literário memorialístico, serve, a princípio, para a construção de um estudo da sociedade que é desenhada no decorrer da história. A partir dessa descrição, então, se dá, não de forma desconexa ao objetivo anterior, a elaboração estética e ficcional do texto. Ou seja, assim como as autobiografias, biografias e diários, *Triste Fim* constitui um exímio exemplo de Literatura de Memória, ou, como chamado por Wallace, Memória de Literatura.

Esse caráter memorialístico presente em *Triste Fim* além de ser utilizado como ferramenta de construção da narrativa, é utilizado com uma finalidade clara e proposital, por parte do autor. Se apossando dessa máquina, o autor transforma sua obra em uma ferramenta de militância e, por meio dela, expressa seus descontentamentos com a realidade social em que está inserido na realidade, fora do contexto da narrativa. Esse caráter militante da obra de Lima Barreto é compreendido também por Gruner (2006), quando o historiador analisa a Revolta da Vacina por meio da literatura de Lima Barreto.

Por meio de seus relatos narrativos, Lima, revestido de Policarpo, faz memória de momentos de opressão e de resistência na história brasileira. Barreto critica a república de forma veemente e militante revestido da habilidade narrativa de Policarpo. Com isso, ele traz à tona o objetivo de, por meio da memória, ressignificar esses acontecimentos, de maneira a funcionar como resistência, para que as marcas tristes da história não sejam apagadas. Essa tentativa de não deixar que esses acontecimentos históricos sumam em meio a narrativas gloriosas funciona como sendo uma vingança por parte do autor. Esse desejo é apontado por Gruner (2006), citando Nietzsche, quando o autor diz que:

Nietzsche afirmou que os ressentimentos estavam ligados tanto à impossibilidade de esquecer as injustiças e humilhações sofridas, quanto a um incontido desejo de vingança, alimentado pela interiorização e posterior de negação do ódio, metamorfoseado no que definiu como a sacralização da “vingança” sob o nome de “justiça” (GRUNER, 2006, p. 90).

Nesse sentido, Lima Barreto tem o objetivo de denunciar os mitos que construíram as narrativas da história brasileira, que traz os mandatários como sendo os heróis históricos da república, elogiando o progresso. Esse ufanismo progressista apaga os problemas que o progresso trouxe, tais como a desigualdade, a injustiça, a arrogância, o racismo e, principalmente a violência em muitos momentos físicos, por parte do Estado (GRUNER, 2006). Com essas ferramentas, o autor tem como objetivo trazer uma espécie de gênese, gerando uma nova narrativa diferente da contada pelos maiores brasileiros, utilizando da ficção para intervir na história, de maneira a sacudir os acontecimentos e dar ênfase para a realidade cruel da história. É nesse sentido que, de acordo com Ricoeur (2007), o passado ficcional, ou seja, o passado narrado na trama do autor, se torna uma ferramenta a ser utilizada na detecção de buracos contidos no passado real, com o objetivo de escancarar os segredos.

A crítica de Lima, em alguns momentos da narrativa, é utilizada de maneira mais subjetiva, de modo que o autor utiliza de ferramentas como a ironia. Exemplo disso é o momento em que Albernaz e Quaresma esperavam que de uma escrava que ela guardasse em sua memória músicas “do tempo do cativo” (p. 34), afirmando, inclusive, que o esquecimento, nesse caso, seria sinal de fraqueza e de inferioridade diante dos povos que, sendo superiores a ela, guardaram essas canções por muitos tempos.

Obviamente, Lima, enquanto “mulato”, descendente de escravos, e ativista militante que luta contra a desigualdade social, entende que exigir de um ex-escravo, que foi obrigado a largar seus costumes e origens para sobreviver, que lembre dos costumes daqueles que o açoitaram é, no mínimo, desrespeitoso. Então Lima utiliza da narrativa para escrachar esses fatos que realmente ocorreram na história com o objetivo de que, vendo isso, as pessoas possam refletir e se escandalizar como é devido.

É nesse sentido que, de acordo com Gruner (2006), “Como se à ficção coubesse um papel fundamental no ato de testemunhar a violência política da República: ao dizer e representar a barbárie, barrar o esquecimento que, ironicamente, é imposto pela própria história” (p. 90). Dessa forma, Barreto, por meio da memória do passado, contando a história do país, mostra seu descontentamento com o presente em que está inserido. Com esse descontentamento, o autor critica a legitimação dessa “memória de vencedores”, que pressupõe a existência de uma

parcela da população brasileira que seria composta pelos “vencidos”, sendo eles silenciados e condenados ao esquecimento por parte da história, ilustrando mais uma vez o caráter militante e resistente de Lima Barreto, que luta, por meio da escrita, contra as mazelas da realidade brasileira.

Em Lima, não se trata de uma crítica ao Estado, simplesmente, mas de um desmascaramento dos processos de legitimação de uma modernidade em cujo interior persistem o conservadorismo e a tradição política autoritária, excludente e ostentatória, que a República, mais que herdar do regime imperial, em certa medida acentuou (GRUNER, 2006, p. 90).

Como dito no início do presente capítulo, o homem tende a ter uma necessidade natural de sentir-se pertencente a algum lugar na história. É levando em consideração essa necessidade que os mandatários da história brasileira criam histórias gloriosas e bonitas que engrandecem o Estado brasileiro e as contam como sendo as histórias verdadeiras do país, encrustando essas narrativas enganosas na memória coletiva das pessoas, tornando-as, por meio do hábito da repetição, verdadeiras e únicas, silenciando as atrocidades e manchas na história real do país. É nesse sentido que, empossado de seu fazer literário, Barreto utiliza da escrita como ferramenta para fazer memória, e, assim, trazer às claras a realidade brasileira. Dessa forma, é baseada nisso que Gralha (2015) afirma que:

como o real e o imaginário podem interagir entre si e como a memória se alimenta dessas duas instâncias; como ela é infinitamente desdobrante e „desdobrável“; como ela é enfim, um lugar de vida, de energia, de pulsação... Que pode sustentar indivíduos, nações, culturas, povos, sistemas... um lugar de força. (GRALHA, 2015, p. 80).

Como dito anteriormente, Lima se escreve em muitos momentos. É nesse sentido que, objetivando a crítica, Lima narra a vida dos brasileiros, de maneira que, de acordo com Bosi (2006), o autor explora a consciência da história do Brasil, utilizando dos fatos reais, mas também se utilizando de suas memórias reais, visto que sentiu esses acontecimentos na pele, vivendo-os. A partir disso, percebe-se, então, que a relação da memória com o texto literário em questão não se restringe apenas a sua criação, mas vai ao encontro, também, da sua finalidade enquanto obra, uma vez que a obra tem como finalidade narrar uma crítica firme contra as violências brasileiras.

II. CONCLUSÃO

A memória é, retomando Ricoeur, a presentificação do passado, a forma concreta de se possibilitar a repetição de algo que já se passou. É ela que, através dos hábitos, dá ação e vivacidade ao viver do homem. Além de ser, por conta dela, possível a relação com o mundo, uma vez que, como visto, é através da recapitulação de enunciados que se dá a interação social e os diálogos. A vida, portanto, é formada a partir de narrativas que, através do encadeamento de informações, vão criando a história de cada indivíduo.

Como disse Kearney, “dentro de cada ser humano existem inúmeras pequenas narrativas tentando escapulir” (KEARNEY, 2012, p. 413), ou seja, o ser humano e, portanto, sua vida são feitos a partir de suas narrativas. Uma vez que “narrar” e “relatar” são sinônimos; “relato” segundo o dicionário é “descrição dum fato”; e “fato”, por sua vez é “coisa ou ação feita” (FERREIRA, 2008), quer dizer, então que se narra o que está no passado, visto que já foi feito. Ou seja, é necessário memória para lembrar do que foi feito e, assim, narrar. Pressupondo-se, portanto, que a vida é, por ela mesma, formada a partir de narrativas e que as narrativas são, por sua vez, formadas de memória, percebe-se que, não somente Policarpo Quaresma, mas, sim, todo e qualquer ser humano é formado a partir de seus hábitos e memórias.

Mesmo tendo em vista a amplitude dos usos da palavra memória, é possível, em Barreto, ver formas diferenciadas da rememoração. Sendo, no entanto, todas elas complementares e necessárias para a construção completa dessa obra tão significativa para a literatura Brasileira.

Apossado desse papel criador da memória, Policarpo sente a necessidade dela em diversos momentos de sua história. Quando, por exemplo, são descritos momentos banhados de sentimentalismo e afeto, na obra de Barreto, é por meio da memória de Quaresma que eles se desenvolvem. Nesse caso, a memória funciona, para Policarpo, como uma espécie de consolo em seus momentos de angústia, por exemplo, sendo onde ele encontra o prazer de lembrar de seus momentos felizes.

Além disso, feito de memórias, como visto em “...tanto é em nossos músculos firme a memória ancestral...” (BARRETO, 2008, p. 96), onde fica visível a relação até mesmo fisiológica entre o homem e suas memórias, o maior medo de Policarpo se dá frente a possibilidade de morrer sem deixar marcas na história, ou seja, sem fazer

memória, sem marcar a lembrança daqueles que ficariam após sua partida. É nesse momento, então, que Policarpo se vê encurralado, sem saber se o que viveu e pelo o que tanto lutou foi real e verdadeiro, ou apenas fruto de uma ilusão arrazoada. No entanto, sem nunca deixar de vasculhar sua memória em busca de confirmações.

Uma vez que o objetivo principal da pesquisa da Professora Doutora Fabrícia Wallace Rodrigues é pensar e discorrer a respeito de questões acerca da relação entre memória e arte, principalmente a literatura, o presente trabalho visou, então, a partir da análise da obra de Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, se adequar ao projeto principal, de modo a entender e descrever a necessidade da memória para a elaboração do texto literário em questão. Para isso, criou-se uma linha de pensamento segundo a qual é possível encontrar os três eixos norteadores da pesquisa de Wallace (2014), quais sejam: Memória da Literatura, Memória na Literatura e Memória de Literatura, dentro do texto analisado.

A memória é, então, responsável pela criação e desenvolvimento, primeiramente, dos hábitos de Policarpo Quaresma, que, por sua vez, como visto, são responsáveis pela vivacidade e dinamicidade da vida, dando à luz ao principal herdeiro de Lima Barreto, o que é nitidamente tratado no decorrer da obra; memória na literatura. Herdeiro no sentido de que, a partir disso, Policarpo Quaresma herda os conhecimentos e influências literárias de seu pai, Lima Barreto, e tem, por isso, a narrativa de sua vida guiada por seus antepassados; memória da literatura.

Em decorrência disso, o texto se estrutura quase como sendo a biografia de Policarpo Quaresma, seu texto memorialístico, que guarda os acontecimentos de sua vida e a história contemporânea a eles; memória de literatura. Assim, resta comprovado que a obra em questão, *Triste Fim*, é exemplo concreto dos três eixos norteadores do projeto de pesquisa principal. Isso se dá uma vez que a texto é feito de modo a criar um relato íntimo da vida de seu personagem principal, de maneira a apresentar seus sofrimentos, angústias e inquietações por meio de uma linguagem condensada, o que mostra a intenção do autor de criar uma espécie de diário de seu protagonista.

Todo o trabalho aqui empenhado teve como objetivo analisar as principais ligações entre a memória e a literatura de Lima Barreto, de maneira a construir seu principal personagem, Policarpo Quaresma. Apesar disso, teve-se como objetivo superior a todos os outros a ideia de fazer memória de Lima Barreto, de maneira a

acabar com a injustiça com que a crítica brasileira tratou essa figura tão importante da cultura e da história brasileira.

Teve-se como objetivo, então, extirpar a imagem insana do Lima Barreto internado e trazer à luma a imagem do Lima Barreto sóbrio, que teve consciência suficiente para escachar os piores hábitos da sociedade brasileira e lembrar que a memória criada sobre a história do país não é tão verdadeira assim. Com isso, Barreto foi responsável por recriar a história brasileira, de maneira a lembrar o que realmente aconteceu, não apenas as partes “bonitas” dela. É nesse sentido que, de acordo com Gruner (2006): “Sensível, Lima Barreto sabia que ele era, no presente, o futuro de um passado que clamava para ser redimido [...]. A literatura representaria, então, uma possibilidade de, ao atualizar o passado, buscar nele não os sinais de um progresso intrínseco à história, mas o seu avesso, salvando do esquecimento aquilo sobre o que a memória do vencedor, tornada coletiva, silencia”.

Sabe-se que a memória foi, é e continuará sendo muito usada na literatura na intenção de criação de enredos. Isso se dá pelo fato de que o gênero memorialístico é resultado da necessidade humana de contar suas histórias e de comunicar com o outro. Sabe-se que a comunicação oral pode, como ocorre em muitos casos, se perder ou se modificar, o que nem sempre é o desejado, daí nasce, então o desejo de se documentar as narrativas ficcionais ou não de forma escrita, na literatura. Nesse sentido, partindo-se das informações supramencionadas e com o auxílio de todo o material teórico citado, tem-se a comprovação necessária da hipótese teórica lançada no início do presente artigo: Policarpo Quaresma, tanto o personagem quanto o livro, é criado de maneira a tratar sobre a memória, a partir da memória e para fazer memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Katia.; ROSSETTI-FERREIRA, Maria. **Dialogismo e a investigação de processos desenvolvimentais humanos**. Paidéia, Ribeirão Preto, v. 18, n. 40, p. 235-250, 2008. Disponível

em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 jun.2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. 1.ed. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008. (Coleção folha grandes escritores Brasileiros, 8).

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CERVANTES, Miguel. **Dom Quixote de La Mancha**. Tradução: Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

COSTA, José. **O gênero memorialístico na literatura e na cultura: reconstrução da experiência humana**. Revista Guará, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 50-64, 2017.

CRUZ , A. **Dimensões da Loucura na Obras de Miguel de Cervantes e Lima Barreto**: Don Quijote de la Mancha e Triste Fim de Policarpo Quaresma. 2009. 205 p. Dissertação (Mestre em Literatura) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

FERREIRA, Aurélio. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa dicionário**. 7. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FRAZER, James. **La Rama Dorada**. México: FDE, 1996.

FROÉS , H. **Investigações Preliminares Sobre A Noção De Inconsciente Em Matéria E Memória**. 2015. 62 f. Monografia (Licenciatura em Filosofia) - Universidade de Brasília (Unb), 2015.

GRALHA , A. **Espaços De Memória, Lugares De Esquecimento – Lima Barreto E A ‘Reinvenção’ Do Sítio Do Caricó**. 2015. 89 f. Dissertação (Mestre em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

GRUNER, C. **De uma revolta a outra: memória, história e ressentimento em Lima Barreto**. ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n. 13, p. 85-95, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARDMAN, Francisco. **Antigos Modernistas**. in: NOVAES (org.), Adauto. **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

HARTUP, Willard. **Peer relations**. In: MUSSEN, Paul. **Handbook of Child Psychology: Socialization, personality, and social development**. - 4 ed. v. 4, p. 104-190. Nova Iorque: Wiley, 1983.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

JÚNIOR, J. Lima Barreto: Crítica Literária E Marginalidade Social. In: Xv Congresso Internacional Da Abralic, 2017, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos do XV Congresso Internacional da ABRALIC - 07 a 11 de agosto de 2017 [...]**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2017. p. 211-220.

KEARNEY, Richard. **Narrativa**. Educ. Real, Porto Alegre, v. 37, n.2, p. 409-438, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362012000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 de junho de 2020

LIMA, N. **O anarquismo de Lima Barreto: uma análise de Triste Fim de Policarpo Quaresma**. 2017. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

MASTROBERTI, Paula. **Heroísmo de Quixote: reversões de um cavaleiro de triste figura**. In: HERNANDES, Aureliano. et al. **Linguagens e linguagens / 5**. Semana de Letras. Porto Alegre: PUCRS, 2005.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade social**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992

RICOEUR, Paul. **“Memory, history, oblivion”**. Conferência. Budapeste, Hungria, 8 de março de 2003. Disponível em:<http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia> Acesso em 24 jun de 2020.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

SANTANA JÚNIOR, J. C.; FREIRE, J. A. T. **A crítica social em “Triste Fim de Policarpo Quaresma”**. Revista Primeira Escrita, Aquidauana, n. 5, p. 65-73, 2018.

SANTOS, Thaís. **A memória, a História, o Esquecimento**. RACIn: João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 1-8, 2013.

SCHWARCZ, L. **O Homem Da Ficha Antropométrica E Do Uniforme Pandemônio: Lima Barreto E A Internação De 1914**. Sociologia & Antropologia [online]. 2011, v. 1, n. p. 119-150. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2238-38752011v116>>. Acesso em Abr. 2022.

SEQUEIRA, Maria. **Os modelos de atenção e memória no processo de construção da leitura**. Revista Portuguesa de Educação, v.1, n. 2, p. 73-79. Universidade do Minho: Braga, Portugal, 1988.

SILVA , E. **Lima Barreto: rupturas**. 2003. 149 f. Dissertação (Mestre em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2003.

TAVARES, Hênio. **Teoria Literária**. 8 ed. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1984.

VIEIRA, Maria. **Louco lúcido: Dom Quixote e o Cavaleiro do Verde Gabão**. Revista USP: São Paulo, n 67, p. 282-293, 2005.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.